

# AS FRONTEIRAS CULTURAIS: UMA EXPERIÊNCIA DE CARTOGRAFIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL, NO BAIRRO DA TERRA FIRME - BELÉM/PA

Vanessa Malheiro Morais  
*Brasil*

## Resumo

• • •

Terra Firme é um dos mais populosos bairros da cidade de Belém, no estado do Pará. O local é conhecido pela violência urbana e pela carência de serviços públicos. Sua localização geográfica privilegiada, no entanto, atrai várias instituições de ensino e pesquisa. Desde 2013, o bairro é objeto de estudo em uma pesquisa na área da Museologia, e atualmente, de Produção Multimídia e Tecnologia da Informação.

Este texto aborda o processo de elaboração da Cartografia do Patrimônio Cultural Local do bairro da Terra Firme. A área concentra uma rede de grupos culturais, constituída de linguagens artísticas, saberes e fazeres ditos tradicionais, cultura de rua, técnicas artesanais, práticas sociais, rituais e atos festivos, conhecimentos tradicionais e populares, lugares afetivos e simbólicos.

Embora muito criativas em sua essência, essas manifestações artísticas e culturais carecem de reconhecimento dentro e fora da cidade, passando muitas vezes despercebidas até dentro do próprio território. Segundo a autora, a falta de perspectivas e a fragilidade das políticas públicas voltadas à realidade dessas comunidades carentes têm comprometido a difusão e a valorização do patrimônio cultural vivo, afetando, assim, sua continuidade e sustentabilidade.

## Resumen

• • •

Terra Firme es uno de los más poblados barrios de la ciudad de Belém, en el estado de Pará (Brasil). El local es conocido por la violencia urbana y por la falta de servicios públicos. Su ubicación geográfica privilegiada, sin embargo, es un atractivo para varias instituciones de enseñanza e investigación. Desde 2013 el barrio es objeto de estudio en una investigación en el área de Museología, y actualmente, de Producción Multimedia y Tecnología de la Información.

Este texto aborda el proceso de elaboración de la Cartografía del Patrimonio Cultural Local del barrio de Terra Firme. El área concentra una red de grupos culturales, constituida de lenguajes artísticos, saberes y haceres dichos tradicionales, cultura callejera, técnicas artesanales, prácticas sociales, rituales y actos festivos, conocimientos tradicionales y populares, lugares afectivos y simbólicos.

Aunque muy creativas en su esencia, estas manifestaciones artísticas y culturales carecen de reconocimiento dentro y fuera de la ciudad, pasando muchas veces desapercibidas hasta en el propio territorio. Según la autora, la falta de perspectivas y la fragilidad de la políticas públicas dirigidas a la realidad de estas comunidades tienen comprometido la difusión y la valorización del patrimonio cultural vivo, afectando, así, su continuidad y sostenibilidad.

## As Fronteiras Culturais

• • •

O bairro da Terra Firme é um dos mais tradicionais e populosos bairros da cidade de Belém, estado do Pará, na Amazônia paraense. O local é conhecido

popularmente pela violência urbana e pela evidente carência de serviços públicos. Situa-se numa zona central da cidade e apresenta baixos índices de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e renda. Historicamente, seu processo de ocupação e urbanização é marcado por migrações que datam desde meados da década de 40. O nome “Terra Firme” advém das características geográficas do lugar, que, por influência direta das bacias do Rio Tucunduba e do Rio Guamá, fizeram com que seus primeiros ocupantes se posicionassem numa estreita faixa de “terra firme” (SILVA e SÁ, 2012).

O território é uma área de interesse social, aberta ao diálogo com a comunidade acadêmica, sendo, por diversas vezes, fruto de estudos relacionados aos seus problemas sociais, ambientais e culturais, apresentando assim potencialidades de desenvolvimento econômico, criativo e cultural. Sua localização geográfica privilegiada abriga várias instituições de ensino e pesquisa importantes da capital, tais como a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), a Escola de Aplicação da UFPA, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), com Núcleo de Pesquisa, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e as Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A (Eletronorte).

Desde o ano de 2013, o bairro é objeto de estudo em pesquisa científica de extensão na área da Museologia, e atualmente, nas áreas de Produção Multimídia e Tecnologia da Informação. Ele nasceu a partir de uma interação dialógica com a comunidade urbana da periferia da capital da Amazônia paraense. O projeto é inédito e oriundo do Programa de Extensão

Universitária pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará - UFPA, que forneceu apoio por meio de patrocínio aos III e IV Prêmio PROEX de Arte e Cultura, sob o Eixo Memória e Patrimônio, com os títulos: “Intervenções Museológicas no Bairro da Terra Firme”, do ano de 2013, e “Cartografia Cultural do Bairro da Terra Firme”, do ano de 2014.

O patrimônio cultural do bairro da Terra Firme é constituído por uma diversidade de manifestações artísticas e culturais, populares, tradicionais e contemporâneas. Tais manifestações acumulam experiências de vida que potencializam as relações com os grupos sociais com os quais convivem, formulando assim novas práticas culturais. Embora muito criativas em sua essência, essas manifestações carecem de reconhecimento dentro e fora da cidade, passando muitas vezes despercebidas – invisíveis – até mesmo dentro do próprio território. Ademais, a falta de perspectivas futuras e a fragilidade das políticas públicas voltadas à realidade dessas comunidades carentes – talvez pelo próprio desconhecimento da existência desta riqueza – têm comprometido a difusão e a valorização do patrimônio cultural vivo, afetando, assim, sua continuidade e sustentabilidade no lugar onde se articulam suas redes sociais.

O Plano Nacional de Cultura-PNC, em sua intenção de produzir o Mapa das Expressões Culturais e Linguagens Artísticas de todo o Brasil até o ano de 2020, assume um grande desafio ao se propor levantar informações sobre a diversidade da cultura local. São escassas as experiências acadêmicas em cartografias do patrimônio imaterial e material, assim como de mapeamentos sociais, culturais e socioambientais que avaliem e aprimorem a diversidade cultural.

No Brasil, o movimento da nova museologia ganhou força adicional com a política pública cultural a partir da publicação da Política Nacional de Museus (2003). Como parte da implementação de tal política, o governo brasileiro criou o programa Pontos de Memória no ano de 2009, em parceria com o Programa Mais Cultura e Cultura Viva, o Ministério da Cultura, o Programa Nacional de Segurança com Cidadania – Pronasci “Território de Paz”, o Ministério da Justiça e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), com o objetivo de apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social. Com efeito, tais políticas, em especial aquelas voltadas para a gestão, valorização e comunicação das expressões artísticas e culturais em comunidades carentes, carecem de métodos mais ativos para uma retroalimentação das informações pertinentes ao patrimônio cultural local.

O patrimônio cultural imaterial, do mais notável ao mais modesto, forma um patrimônio vivo cultural. Como pensar o patrimônio cultural dinâmico para um território urbano carente da Amazônia paraense? Como localizar, sistematizar e interagir com o patrimônio construído de forma comunitária? “O patrimônio de natureza comunitária [...] emana de um grupo humano diverso e complexo, vivendo em um território e compartilhando uma história, um presente, um futuro, modos de vida, crises e esperanças.” (VARRINE, 2013, p. 44). Neste grupo social, o relacionamento entre as partes ocorre de forma heterogênea e complexa, em diferentes situações e contextos, representados por sua cultura material e imaterial, com características dinâmicas e em constante expansão.

Trata-se de uma tarefa complexa, que pretende contribuir com novos parâmetros de abordagem, análise e interpretação de dados do patrimônio vivo, assim como da sustentabilidade de suas práticas culturais na paisagem cultural. A conexão do conhecimento interdisciplinar buscou explorar sinergias possíveis entre as áreas da Museologia e do Patrimônio Cultural, do Processo Metodológico Cartográfico e da Gestão Compartilhada associada às metodologias da pesquisa-ação, em interface com um saber científico e popular e, engendrando para isso a identificação georreferenciada, a representação espacializada visualmente e a informação das práticas culturais com enfoque no detalhamento do potencial patrimonial dos grupos culturais à luz das relações do homem com seu patrimônio.

Esse texto tem como objetivo apresentar uma breve fundamentação teórica, resultados, análises e discussões interdisciplinares, assim como considerações, sobre um processo de elaboração da Cartografia do Patrimônio Cultural Local, localizada em uma área urbana carente no município de Belém do Pará – o Bairro da Terra Firme.

### **Seguindo Caminhos Possíveis...**

• • •

A fundamentação teórica se baseou em práticas interdisciplinares científicas e populares da área de conhecimento da Museologia, do Patrimônio Cultural, da Cartografia e da metodologia da pesquisa-ação. De modo que a gestão social do bairro estabeleceu uma interação com suas especificidades e peculiaridades orgânicas, fundamentadas com base na participação social.

A Museologia, ao contrário do que se pode pensar, não é a “ciência dos museus”, nem mesmo seu objeto de estudo é restrito à instituição. Atualmente, a Museologia é compreendida como “a relação específica do homem com a realidade” (STRÁNSKÝ, 1980) ou como a “relação mediada entre o homem e o patrimônio” (BELLAIGUE, 1986). Deste modo, nota-se que o objeto de estudo da Museologia não é o museu, mas a relação da humanidade com sua produção material e imaterial, com aquilo que a humanidade considera como relevante e confere o status de bem cultural. O compromisso da Museologia é com o agente social e, portanto, criador e transformador dos bens culturais. A Mesa Redonda de Santiago do Chile (Santiago do Chile, Peru, 1972) pontuou o surgimento do conceito de Museu Integral, que devolve a condição de sujeito histórico à comunidade para a pesquisa, a preservação e a difusão de seu patrimônio cultural, permitindo assim, o vislumbre de um processo de autogestão e liberação social. Este evento oportunizou o desenvolvimento de novos pensares, fazeres e saberes museológicos adaptados às culturas regionais e locais.

O patrimônio cultural imaterial representa um papel importantíssimo no cenário nacional, na defesa pela pluralidade, diversidade e democratização do país. Para Dias, “um patrimônio é essencialmente histórico, de modo que seu significado sofre reinterpretções constantes em função de realidades socioculturais específicas do presente” (DIAS, 2006, p. 78). Por outro lado, o patrimônio é também o lugar das identidades, e por tudo que contém um sentido para nós, “as pessoas possuem múltiplas auto-representações, elas se comportam de diferentes maneiras em diversos contextos, em constante

mutação. [...] a diversidade cultural não pode ser desvencilhada também da noção de diversidade de vida” (PELEGRINE e FUNARI, 2008, pg, 24).

Com efeito, a Cartografia é a ciência dos mapas, cuida da representação da Terra ou parte dela, de forma imagética e pictórica, definindo-se assim como arte e ciência. A confecção de um mapa começa, normalmente, com a redução da superfície terrestre para seu tamanho, visualmente representado, em forma de mapa ou carta. Os mapas são representações gráficas e simbólicas de apreensão do espaço e servem de base para as diversas áreas do conhecimento e da ciência. É também um meio de comunicação e exposição do tema a ser explorado, que precisa de suporte técnico, tecnológico e artístico, para sua representação gráfica, sua definição, seu objetivo e sua função, seja individual ou coletiva.

A Cartografia foi criada para suportar o amplo universo do conhecimento e da ciência, pois houve a necessidade de organização, divisão e especialização dos trabalhos para suportar as pesquisas científicas. O professor Marcelo Martinelli (1997), ao se debruçar sobre o progresso crescente da cartografia, aponta para um método científico autônomo, que avançou em seus estudos sobre a linguagem gráfica, a matemática e a computacional, a fim de substituírem o espaço geográfico real para o analógico (processo metodológico básico da cartografia), que posteriormente se tornou digital. O autor aponta para o florescimento e sistematização dos diferentes ramos de estudo, operados com a divisão do trabalho científico no fim do século XVIII e início do século XIX, fazendo com que se desenvolvesse, mediante acréscimos sucessivos, outro tipo de cartografia: a



Cartografia Temática – o domínio dos mapas temáticos (MARTINELLI, 2009, p. 10).

Atualmente, a cartografia incorporou as tecnologias de precisão – as geotecnologias, muito importantes para resolução das questões ambientais e fundiárias, assim como incorporou as tecnologias digitais e de informação, que, por sua vez, provocaram uma mudança no paradigma da imagem e da comunicação.

Martinelli (1997) afirma quanto à linguagem do mapa que:

*[...] Sua especificidade reside essencialmente [...] vinculado ao âmago das relações que podem se dar entre os significados dos signos. [...] dispensa de qualquer convenção constituída. É o domínio das operações mentais lógicas. [...] o da representação gráfica. Esta se inclui ao universo da comunicação visual, que faz parte da comunicação social. Participa, portanto, de um sistema de sinais que o homem construiu para se comunicar com os outros. Compõe uma linguagem gráfica bidimensional, atemporal, destinada à vista... Integra o sistema semiológico monossêmico (significado único). (MARTINELLI 1997, p. 13).*

Para Coelho (2008), “uma área urbana é a primeira e decisiva esfera cultural do ser humano”. Deste modo, infere-se que o processo de construção da Cartografia do Patrimônio Cultural da Terra Firme é dinâmico, em constante transformação e formação, que não apresenta um fim, mas um contínuo marcado pelas experiências vivenciadas pelo ser humano, as quais interferem diretamente em seus bens culturais. A Cartografia temática aplicada no território permitiu vislumbrar um espaço (real, digital e virtual) para uma relação subjetiva com os atores sociais.

A representação gráfica da realidade através dos mapas, aliada à participação social local, permitiu a construção de uma base de dados cartográfica legítima do patrimônio cultural imaterial que, por sua vez, foram obtidos através de trabalhos de campo e laboratório. Sua representação e sua localização geográfica cultural, associada ao conhecimento científico e popular, possibilitou levantar e cruzar informações culturais singulares e complexas, identificando atores, grupos, instituições, lugares, saberes e fazeres locais.

Deste modo, o desenvolvimento metodológico da pesquisa envolveu as seguintes etapas: 01) Processo metodológico cartográfico: a) Caracterização geoespacial da área de estudo; b) Caracterização social e econômica da área de estudo; c) Construção da base cartográfica cultural; d) Banco de dados das manifestações artísticas e culturais do bairro da Terra Firme. 02) Mapeamento cultural participativo: a) Levantamento de pré-diagnóstico institucional e dos grupos culturais, b) Levantamento de pontos geográficos com aparelho de GPS; c) Levantamento da rede de divulgação e comunicação local; d) Planejamento estratégico da rede de cooperação local; e) Seminário inaugural cultural; f) Mobilização de escolas públicas locais; g) Ações dos Grupos de Trabalho (GT); h) Ação social em praça pública; i) Ciclo de Formação em Arte e Cultura.

## Resultados

...

Atualmente, estão mapeados 81 pessoas e/ou grupos culturais e sociais, divididos nas seguintes atividades: arte, dança, ensino, lugares, movimento social, movimento religioso, música, ofício e teatro. Eles

estão organizados da seguinte forma: i) Movimento social: 22 grupos e equipamentos socioculturais; ii) Dança: 25 manifestações e grupos culturais; iii) Ensino: 8 equipamentos socioculturais; iv) Ofício: 7 manifestações e grupos culturais; v) Música: 8 manifestações e grupos culturais; vi) Movimento Religioso: 5 manifestações e grupos culturais; vii) Teatro: 2 expressões e grupos culturais; viii) Lugares: 3 locais afetivos e espaço cultural; ix) Artes plásticas: 1 expressão e grupo cultural.

O bairro concentra hoje uma rede de grupos culturais, constituída de linguagens artísticas, saberes e fazeres ditos tradicionais, cultura de rua, técnicas artesanais, práticas sociais, rituais e atos festivos, conhecimentos tradicionais e populares, lugares afetivos e simbólicos. Na área do patrimônio cultural, lócus do presente trabalho, foram identificadas manifestações vivas da cultura popular e da cultura afro religiosa. A rede social dos grupos culturais vem tecendo nas ruas suas relações sociais e culturais, apesar da ausência de mecanismos estratégicos de gestão cultural e de comunicação, assim como de espaços apropriados no bairro.

As informações dos cadastros revelam que grande parte dos grupos culturais (64%) possui informações sobre o acesso a financiamento e recursos, mas cerca de 82% dos grupos não possuem condições financeiras de dedicação à tarefa. Aproximadamente 90% avaliam que não existe reconhecimento e valorização de suas atividades por parte da própria comunidade e do poder público. Também foi verificada a falta de placas de identificação dos grupos, associadas à dificuldade de acesso aos seus centros físicos, quando existentes.

As informações dos questionários sistematizados indicam que apenas metade dos grupos culturais possui endereço eletrônico. Outro dado relevante é sobre a institucionalidade dos grupos culturais: 40% do total de grupos entrevistados possuem CNPJ próprio (constituição jurídica formal). Podemos aferir que 80% possuem infraestrutura particular, 70% já receberam algum tipo de apoio do poder público (diverso), e 97% conhecem editais públicos voltados para área cultural, mas têm dificuldade de acesso. Podemos, ainda, verificar o tempo de existência de cada grupo cultural. De 0 a 5 anos, 11 grupos culturais; de 5 a 10 anos, 30 grupos culturais; de 10 a 15 anos, 45 grupos culturais; sem dados quanto ao tempo de existência, 3 grupos culturais.

O censo realizado pelo IBGE (2011) aponta uma população de 61.439 habitantes para o bairro da Terra Firme. No entanto, conforme pesquisa de campo e depoimentos de lideranças comunitárias locais, sua população é estimada em aproximadamente 90 mil habitantes.

## **Análises e Discussões Interdisciplinares**



Um conceito que dialoga com a Cartografia do Patrimônio Cultural da Terra Firme é o de equipamentos culturais, em que Coelho (1997) define que:

*Sob o aspecto da macrodinâmica cultural, por equipamento cultural entende-se tanto as edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus) quanto os grupos de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.). Numa dimensão mais restrita, equipamentos*

*culturais são todos os aparelhos ou objetos que tornam operacional um espaço cultural (refletores, projetores, molduras, livros, pinturas, filmes, etc.). (COELHO, 1997, p. 164).*

Para fins desse trabalho, nos apropriamos do conceito de equipamentos socioculturais, que por sua vez abrange a categoria de equipamentos sociais e de espaço cultural como lugar propício à promoção das práticas culturais em áreas urbanas carentes. Neste emaranhado de aparelhos, mecanismos e edificações, equipamentos sociais e culturais, públicos e comunitários, compreende-se o universo das escolas, centros comunitários, associações, cooperativas, creche, fundações, igreja, lojas, praça, os terreiros de matriz africana, ruas e mercados locais.

Tal proposição se dá devido à constatação da ausência de equipamentos culturais públicos, como teatro, cinema, centro cultural, biblioteca pública, assim como de espaços públicos recreativos como praças, calçadão e concha acústica, entre outros. Por outro lado, os equipamentos socioculturais mapeados não estão restritos somente a suas atividades habituais, eles apoiam e divulgam as iniciativas culturais demandadas pela comunidade e promovem seu intercâmbio.

Outro conceito que dialoga com a pesquisa é o de lugares. Esse conceito foi pensado a partir do manual do Inventário Nacional de Referência Cultural (INRC), elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e também por Santos (1997) como sendo lugar “formado por um conjunto híbrido de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 1997, apud SOTRATTI, 2015). Esse autor conclui ainda que “as ações humanas são permeadas por representações simbólicas, ou seja,

intencionalidades, sobre os objetos e sobre as próprias pessoas” (SANTOS, 1997, p. 66-67). Foram identificados no território lugares afetivos e simbólicos.

A construção de uma base cartográfica cultural legítima, constituída de mapas e banco de dados, foi necessária devido à ausência – à época do desenvolvimento do trabalho – de qualquer outra fonte de informação georreferenciada de dados culturais confiável acerca do bairro e da cidade de Belém-PA. A apreensão do espaço geográfico, a representação gráfica dos símbolos e significados permeiam a humanidade. Sendo assim, os mapas culturais participativos são instrumentos estratégicos para ações-intervenções nos territórios, assim como para sua gestão compartilhada. Para efetivar-se, necessitam de um empoderamento social instrumentalizado, a partir do uso de ferramentas técnicas e tecnológicas, aliadas a abordagens metodológicas participativas para o alcance da efetiva ação cultural. A proposição do uso da ação cultural como proposta de abordagem ao território é entendida de acordo com o “Conjunto de procedimentos, envolvendo recursos humanos e materiais, que visam pôr em prática os objetivos de uma determinada política cultural.” (COELHO, 2012, p. 42). Não obstante a ação cultural necessita de pessoas habilitadas para o desenvolvimento de suas atividades culturais, que por sua vez “recorre a agentes culturais previamente preparados e leva em conta públicos determinados, procurando fazer uma ponte entre esse público e uma obra de cultura ou arte” (COELHO, 2012, p. 42).

As políticas públicas ou pesquisas que envolvem a cartografia, ou os mapeamentos culturais, sociais e socioambientais, não podem se tornar meras

ilustrações, ou representações pictóricas, ou imágicas. Elas precisam, de alguma maneira, ser dinâmicas, seja no ambiente físico, virtual ou digital. Ou então correm o risco de congelar as informações culturais, ou na pior das hipóteses, os mapas podem se confirmar como armas do imperialismo, promovendo uma política pública colonial.

## Considerações

...

A história social da Amazônia é bastante complexa e ainda possui muitos aspectos culturais e sociais pouco explorados; várias de suas características foram acessadas até o presente momento pelo meio acadêmico, enquanto o público em geral ainda recebe informações incompletas e não atualizadas. No caso do Pará, conjuntos de documentos históricos apenas recentemente tornaram-se públicos, viabilizando novas e mais completas interpretações dos momentos e memórias passadas, nos últimos anos. O processo da cartografia do patrimônio cultural imaterial, possibilitada pelo mapeamento cultural participativo, descreve uma realidade a ser comunicada e aponta para a possibilidade de uma sistematização de dados da cultura local, que por sua vez utilizou-se de geotecnologias oriundas da ciência cartográfica, e das tecnologias de informação e produção multimídia com potencial para desencadear um conjunto de articulações e dinamização das manifestações artísticas e culturais.

Considerando a complexidade e singularidade do patrimônio cultural, o trabalho aponta para uma abordagem com diferentes caminhos e formas de comunicação e valorização do patrimônio cultural nos centros urbanos carentes da capital paraense.

Na área cultural, locus do presente trabalho, a valorização do local e o resgate de identidades e valores passam a ser pivôs de programas inovadores que buscam a participação das comunidades, tanto como veículo quanto como objetivo. Apesar de bem fundados teoricamente, os resultados práticos desta visão colocada em prática por meio de programas públicos carece ainda de análises realizadas com dados de campo e das lições aprendidas até o momento para identificar a veracidade dos pressupostos, visando assim uma retroalimentação positiva das políticas e programas em si.

Reconhecendo esta problemática, existem, de fato, em diferentes escalas federativas, iniciativas públicas e privadas voltadas às políticas de desenvolvimento sustentável, social e cultural que demonstram uma imposição de políticas públicas verticalizadas. Os dados levantados sobre os grupos culturais parceiros revelam, por exemplo, um enfraquecimento de seus conselhos gestores, a falta de verba para maiores ações sociais e culturais no bairro, a falta de espaço físico e de novas lideranças comunitárias, o que vem afetando a dinâmica das interações sociais, bem como de seus processos comunicacionais.

Uma recomendação é a de investir em processos de governança local para a gestão cultural, investindo no desenvolvimento de capacidades para o monitoramento dos processos culturais, especialmente aquelas associadas aos processos de identificação, mobilização e comunicação local. Para isso, necessitamos de agentes sociais previamente treinados, procurando fazer uma ponte entre sua cultura, seu patrimônio e sua paisagem cultural.



Atualmente, o projeto busca explorar as sinergias com as tecnologias de informação e de difusão cultural e digital na construção e manutenção de uma plataforma livre digital com os dados ora coletados. Esses dados serão disponibilizados na internet, e posteriormente almeja-se que os próprios atores sociais mapeados sejam capazes de alimentar essa plataforma livre digital. Para isso, serão necessárias o desenvolvimento de habilidades por meio de oficinas e cursos de capacitação em áreas diversas à comunidade da Terra Firme, assim como de mais pesquisas interdisciplinares.

## Referências Bibliográficas

- ARMANI, D., Mobilizar para transformar: a mobilização de recursos nas organizações da sociedade civil, São Paulo: Peirópolis; Recife, PE: Oxfam, 2008.
- ATAIDE, M. S. A Etnocartografia no Brasil – 10 Anos Depois. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA, Anais, 2011, Curitiba-PR.
- ATAIDE, M. S.; MARTINS, A. L. U. A Etnocartografia como ferramenta de gestão. In: XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA E SIMPÓSIO DE GEOTECNOLOGIAS PARA PETRÓLEO, Anais. 2005, Macaé-RJ.
- BURKE, Peter. Hibridismo cultural. São Leopoldo: Unisinos, (2003).
- CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA, V. 28, N. 28 (2007), Actas do XII Atelier Internacional do MINOM / Lisboa.
- Carta de Santiago + VARINE, H. A Mesa-Redonda de Santiago. In: Araújo, M.M. & BRUNO, M.C.O. (Org.) A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos, Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p.17-19.
- COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de política cultural: cultura e imaginário, São Paulo, Iluminuras, 2012.
- DIAS, Reinaldo. Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios”. *Horizontes Antropológicos*. [online]. 2005, vol.11, n.23, pp. 15-36. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002>.

GONÇALVES, José Reginaldo. Culturas populares: patrimônio e autenticidade. In BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Agenda Brasileira: Temas de uma sociedade em mudança*. Companhia das Letras, São Paulo: 2011.

HOBBSAWN, Eric. Introdução: a Invenção das Tradições. In. *A invenção das tradições*. Eric Hobesbawm e Terence Ranger (Org.). Celina Cardim Cavalcante (Trasd.) 6ª Ed. Paz e Terra.

Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de Aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes N reto. – Brasília : Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Tradução Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LEI Nº 13.018, DE 22 JULHO DE 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/ Lei/L13018.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13018.htm) acesso 22/08/2014, às 12:01h.

- MARTINELLI, Marcelo. A imagem figurativa e a imagem cartográfica no turismo. III Encontro Nacional de Turismo de Base Local, Mesa Redonda “Turismo, Natureza e Educação”, OUTUBRO DE 1999, MANAUS.
- MARTINELLI, Marcelo. Cartografia do turismo: Que cartografia é essa. Congresso Internacional de Geografia e Planejamento do Turismo Sol e Território, DG – FFLCH- USP, JULHO DE 1995, SÃO PAULO.
- MARTINELLI, Marcelo. Cartografia e imaginário. I Encontro Nacional de Turismo de Base Local, DG – FFLCH-USP, 1,2,3, MAIO DE 1997, SÃO PAULO.
- MARTINELLI, Marcelo. Mapas da Geografia e Cartografia Temática. 5. Edição - São Paulo: Contexto, 2009.
- ORTIZ, Renato. Estado, Cultura Popular e Identidade Nacional. In Cultura Brasileira e Identidade Nacional. Ed Brasiliense, São Paulo: 2012.
- RENÉ, Barbier. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.
- ROCHA R., A GESTÃO DESCENTRALIZADA E PARTICIPATIVA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL, Revista Pós Ciências Sociais. v. I n. II São Luis/MA, 2009.
- SANTOS, M.C.T.M. Reflexões sobre a Nova Museologia. Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SCHEINER, Tereza C., Repesando o Museu Integral: do conceito às práticas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v.7, n.1, 2012.

SCHERER-WARREN I., DAS MOBILIZAÇÕES ÀS REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS, Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

VARINE, Hugues de. As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz. 256 páginas, de 2012.

JEUDY, Henri-Pierre. Memórias do social. Tradução Márcia Cavalvanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.